HORIZONTE
ISSN 2175-5841
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Dossiê: Narrativas Sagradas e Linguagens Religiosas - Artigo Original

CC BY

DOI – *10.5752/P.2175-5841.2016v14n42p427*

"Mostra-me a tua glória": Linguagem sagrada e retórica política em Ex 33,18-23

"Show me thy glory"
Sacred language and political rhetoric in Exodus 33:18-23

Osvaldo Luiz Ribeiro*

Resumo

O texto da Bíblia Hebraica como instrumento de projeção retórica de conflitos político-teológicos presentes no seu horizonte de produção. Objetiva-se analisar retoricamente Ex 33,18-23, aplicando-se à perícope procedimentos hermenêuticos próprios da abordagem histórico-social e da análise retórica, com a intenção de identificar possíveis relações entre a narrativa e o horizonte histórico-social de sua produção. Como etapas metodológicas, traduziu-se o texto hebraico de Ex 33,18-23, comparando-o com versões no vernáculo, analisou-se retoricamente cada seção da perícope e buscou-se identificar os elementos de contato entre a narrativa e o mundo histórico-social que a produziu e que lhe serve de contexto semântico. Concluiu-se tratar-se de texto crítico e sarcástico às prerrogativas sacerdotais que marcaram a transformação político-social de Judá após o cativeiro babilônico. A estratégia retórica da narrativa consiste em, na forma de um pedido dirigido à divindade, isolar o postulado sacerdotal no v. 18, confrontando-o nos v. 19-23 por meio de três negações categóricas por parte de Yahweh.

Palavras-chave: Ex 33,18-23, análise retórica, exegese, crítica, ironia

Abstract

The text of the Hebrew Bible as instrument of rhetorical projection of political and theological conflicts in the horizon of its production. The objective is to analyze rhetorically Ex 33:18-23, applying at the *pericope* hermeneutical procedures of social-historical approach and rhetoric analysis, and intending to identify possible relationships between the narrative and the historical and social horizon of its production. As methodological steps, it was translated the Hebrew text from Ex 33:18-23, it was compared with the versions in Portuguese, it was analyzed rhetorically each section of the *pericope* and sought to identify the elements of contact between the narrative and the historical and social world-that produced it and serves as its semantic context. It was concluded that this is a critical and sarcastic text to priestly prerogatives that marked the political and social transformation of Judah after the Babylonian captivity. The narrative rhetorical strategy is, in the form of a request to the deity, to isolate the priestly postulated in v. 18, confronting it in v. 19-23 through three categorical denials by Yahweh.

Keywords: Ex 33:18-23, rhetorical analysis, exegesis, criticism, irony

---

Artigo recebido em 25 de fevereiro de 2016 e aprovado em 03 de junho de 2016.

* Doutorado em Teologia (Bíblia Hebraica) pela PUC-Rio (2008). Pós-doutor em Ciência da Religião pela UFJF (2014). Professor do Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. País de Origem: Brasil. E-mail: osvaldo@faculdadeunida.com.br

Introdução

O objetivo do presente artigo é oferecer à crítica acadêmica análise retórica de Ex 33,18-23. Encravada artificialmente entre Ex 33,1-17 e Ex 34, parece ter sido intenção redacional fazer a passagem ser lida como um diálogo entre "Moisés" e Yahweh, e isso a despeito de o nome de "Moisés" não aparecer uma vez sequer na perícope, sua presença sendo sugerida pela hermenêutica sincrônica do capítulo. Para a análise retórica, traduziu-se a passagem, dispensando particular atenção à sintaxe do Hebraico, sem descuido das questões peculiares da exegese histórico-social. Tenta-se, a cada passo, extrair do seu contexto retórico-sintático a chave com que o sentido se constrói e dispersa pelo tecido narrativo. O resultado é deparar-se com um triplo e enfático "não!" ao aparentemente espiritualíssimo pedido do sujeito anônimo de Ex 33,18. Ao final, arrisca-se sugerir a identidade histórico-social de quem faz o pedido ("mostra-me a tua glória") e a de quem, retoricamente ("não", "não" e "não"), o nega.

1 Tradução

Tabela 1

Êxodo 33,18-23	
וַיֹּאמֶר	18E ele disse:
הַרְאֵנִי נָא אֶת־כְּבֹדֶךָ׃	"Mostra-me, por favor, a tua glória!".
וַיֹּאמֶר	19E ele disse:
אֲנִי אַעֲבִיר כָּל־טוּבִי עַל־פָּנֶיךָ	"Eu (é que) farei passar toda a minha bondade diante de ti,
וְקָרָאתִי בְשֵׁם יְהוָה לְפָנֶיךָ	e proclamarei o nome de Yahweh adiante de ti,
וְחַנֹּתִי אֶת־אֲשֶׁר אָחֹן וְרִחַמְתִּי אֶת־אֲשֶׁר אֲרַחֵם׃	e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e terei compaixão de quem eu tiver compaixão".
וַיֹּאמֶר	20E ele disse:
לֹא תוּכַל לִרְאֹת אֶת־פָּנָי כִּי לֹא־יִרְאַנִי הָאָדָם וָחָי׃	"Não podes ver as minhas faces, porque não me vê o homem e vive".
וַיֹּאמֶר יְהוָה	21E disse Yahweh:
הִנֵּה מָקוֹם אִתִּי וְנִצַּבְתָּ עַל־הַצּוּר׃	"Eis aqui um lugar junto de mim, e tu te porás sobre a rocha.
וְהָיָה בַּעֲבֹר כְּבֹדִי וְשַׂמְתִּיךָ בְּנִקְרַת הַצּוּר וְשַׂכֹּתִי כַפִּי עָלֶיךָ עַד־עָבְרִי׃	22E será que ao passar a minha glória, então (eu) te colocarei na fenda da rocha, e cobrirei a minha mão sobre ti até que eu tenha passado.
וְהֲסִרֹתִי אֶת־כַּפִּי וְרָאִיתָ אֶת־אֲחֹרָי וּפָנַי לֹא יֵרָאוּ׃ ס	23Então, retirarei a minha mão, e tu verás as minhas costas, mas as minhas faces não verás".

2 A estrutura retórica de Ex 33,18-23

Assume-se aqui que o texto de Ex 33,18-23 está dividido em duas partes: A – v. 18, e B – v. 19-23. Na primeira parte, fala ela, e só ela, uma pessoa anônima[1], que se dirige a Yahweh (cf. v. 21). Na segunda parte, fala Yahweh, e só Yahweh. A segunda parte constitui resposta à primeira parte. Em A, faz-se um pedido. Em B, apresenta-se a resposta (de Yahweh) ao pedido.

A primeira parte não tem divisões internas, mas a segunda parte está dividida em três seções – seção B1 (v 19), seção B2 (v. 20) e seção B3 (v. 21-23). Cada seção é uma resposta independente ao mesmo pedido (do v. 18).

A parte A emprega a palavra "glória", ao passo que a parte B emprega a palavra "faces" e a palavra "glória" como sinônimas. Na parte B, a palavra "faces" aparece no v. 20 e no v. 23, ao passo que a palavra "glória", como sinônimo de "faces", aparece no v. 22. Na parte B, portanto, a sequência "faces" – "glória" – "faces" constitui um quiasmo estruturante, enquanto, no conjunto de Ex 33,18-23, a sequência "glória" – "faces" – "glória" – "faces" constitui a espinha dorsal da narrativa:

Tabela 2

(v. 18)	**"glória"**		
		"faces"	(v. 20)
		"glória"	(v. 22)
		"faces"	(v. 23)

Em todo o texto, a "glória de Yahweh" e "as faces de Yahweh" são expressões sinônimas, de sorte que pedir para ver "a glória de Yahweh" é o mesmo que pedir para ver "as faces de Yahweh". Como se disse, as seções B1, B2 e B3 funcionam como respostas ao pedido da parte A, sendo que nas seções B2 e B3 a resposta é inequívoca: o pedido é negado.

[1] Não há espaço suficiente para se elaborar aqui uma exegese completa do texto. Assume-se tratar-se de uma personagem anônima com base no fato de que, a despeito de várias versões incluírem o seu nome, "Moisés" não aparece uma vez sequer em Ex 33,18-23. A despeito de, textualmente, a perícope não a nomear, comentaristas há que tratam a personagem como sendo Moisés (SMITH, 1997, p. 254; BOORER, 1992; CHOURAQUI, 1996, p. 377; DOZEMAN, 2009, p. 717), a princípio porque consideram (do que aqui se discorda) tratar-se Ex 33,18-23 de "continuação" temática de Ex 33,1-17.

Que o pedido é negado em B2 resulta inequívoco, dada a declaração categórica de Yahweh: "não podes ver as minhas faces" (v. 19). Da mesma forma, que o pedido é igualmente negado na seção B3 resulta indiscutível, dada, agora, a declaração, também de Yahweh: "as minhas faces não verás" (v. 23). Dado que, na parte B, "glória" e "faces" são sinônimas, ao pedido da parte A ("mostra-me (...) a tua glória"), B2 responde "não (podes ver as minhas faces)" e B3 responde "as minhas faces não verás". Hauge considera que nos v. 18, 20 e 23 se pode ver um "Moisés vendo", e que isso de "Moisés ver" representa um "motivo central de relacionamento íntimo" (HAUGE, 2001, p. 38; cf. p. 83-86), mas, diante de tal declaração, deve-se ter em mente que, primeiro, Moisés sequer é citado em Ex 33,18-23 e que, indiscutivelmente nas seções B2 e B3 e, como se pretende demonstrar, também na seção B1, essa "visão" é justamente negada. Hauge pode ter visto, mas a personagem anônima, que ele "vê" como "Moisés", não...

Como resposta ao pedido da parte A, a seção B3 constitui um monumento sarcástico. No final da peça zombeteira, nega-se o pedido, mas não sem antes encenar satiricamente o rogo. O pedinte anônimo do v. 18 é posto dentro da depressão ou da cavidade de uma rocha, a mão de Yahweh o cobre, de sorte que sua visão do que ocorre do lado de fora resulta impossibilitada. Nessas condições, então, a glória de Yahweh passa. Quando a glória de Yahweh termina de passar, Yahweh então retira a sua mão de sobre a fenda da rocha, dentro da qual está o pedinte anônimo do v. 18, e, agora, uma declaração chistosa encerra a cena e a narrativa como um todo: "tu verás as minhas costas, mas as minhas faces não verás". Talvez se possa problematizar o caráter debochado que se entreviu na seção B3, lendo-a com outros olhos. Não se poderá, todavia, contornar a peremptória negativa do pedido: "as minhas faces não verás". Como, na narrativa, "faces" e "glória" constituem sinônimos, ao pedido anônimo do v. 18, "mostra-me (...) a tua glória", Yahweh categoricamente responde de forma negativa: "as minhas faces [= "glória"] não verás".

Como resposta ao pedido anônimo do v. 18, também a seção B2 diz "não": "Não podes ver as minhas faces, porque não me vê o homem e vive". Esse "não podes ver as minhas faces" corresponde ao "as minhas faces não verás", da seção B3. Como se viu, na seção B3 o registro retórico é escarnecedor. Já a seção B2 tem outro recorte. B2 não apenas nega o pedido: B2 acrescenta uma explicação – justifica-se a razão de o pedido não poder ser atendido. O rogador anônimo não poderá ver a "glória de Yahweh", porque "não me vê o homem e vive". O anônimo não pode ver "as faces de Yahweh", porque ele se vincula a uma categoria impossibilitada de ver o que o pedinte pretende ver: ele é um homem. Como "o homem" não pode ver "a glória de Yahweh", resulta que, sendo o pedinte um homem, não pode ele então ver "as faces de Yahweh". Parece tautológico. Mas não é.

A razão de o pedido do homem anônimo ser negado não é tautológica. Deve-se prestar atenção ao nível retórico mais profundo da declaração. Recordando Auerbach (2013, p. 1-20), é preciso preencher as lacunas retóricas e silogísticas da narrativa. Os passos de análise para extrair-se o sentido retórico mais profundo da seção B2 parecem ser os seguintes: a) "o homem" não pode ver "as faces de Yahweh", porque se vir "as faces de Yahweh", "o homem" perde a vida; b) sendo assim, o homem anônimo não pode ver "as faces de Yahweh", porque, se visse, perderia a vida – ou seja c) o homem anônimo não pode ver "as faces de Yahweh", *porque ele é um homem*. Como assim "um homem"? Ora – um homem *como qualquer outro homem*. A resposta de Yahweh sugere que o homem anônimo que pede para ver "as faces de Yahweh" não tem qualquer prerrogativa que o distinga dos demais homens. Se "o homem" não pode ver "as faces de Yahweh", então o pedinte não pode ver "as faces de Yahweh", porque o pedinte é, como todos os outros homens, um homem.

Na seção B3, o registro retórico revela recurso retórico à troça, e na seção B2, o pedinte anônimo é chamado à lucidez, no sentido de que lhe é arrostado o fato que ele parece ter se esquecido de considerar: é um homem como qualquer

outro. No conjunto, até aqui, e na sequência narrativa, o resultado parece suficientemente evidente: a) o homem anônimo pede para ver "a glória de Yahweh" (parte A); b) Yahweh responde-lhe que não, porque homem algum pode ver "as faces de Yahweh" e permanecer vivo, e ele é um homem como outro qualquer (seção B2), de sorte que, se ele quiser, olhe para as costas de Yahweh, porque as suas "faces" ele não verá[2]. Quando começa a seção B3, a personagem anônima pode até considerar equivocadamente que Yahweh vai atender seu pedido, porque a cena parece caminhar na direção da providência de um modo de o pedinte, afinal, ver "a glória de Yahweh". À medida, todavia, que a seção se desenvolve, logo se percebe que se trata de uma encenação enganosa: quando se pensa que Yahweh vai ostentar-se à vista do rogador, resulta claro que tudo não passa da ilustração retórica da mesma resposta dada, anteriormente, na seção B2: ninguém pode ver "as faces de Yahweh". E, se alguma dúvida houver, conclui-se a encenação com outra categórica negação: "as minhas faces não verás".

A relação entre a parte A e as seções B2 e B3 parece esclarecida. Resta analisar a seção B1. Até aqui, tem-se a estrutura:

Tabela 3

	O rogador anônimo	Yahweh
	Pedido	Resposta
A	"Mostra-me a tua glória"	
B2		"Não!"
B3		"Não!"

Resta ver que resposta se pode depreender da seção B1. Descarte-se a resposta "sim". Uma vez que em três seções, duas respondem claramente com "não", resulta incoerente considerar que Yahweh pudesse responder em B1, sim, e depois, em B2 e B3, não. Não faz sentido.

[2] O termo hebraico traduzido por "costas" é o mesmo aplicado para os "quartos traseiros" do gado (SCHÖKEL, 1997, p. 40). À tentação de, no v. 23, ler-se "meu traseiro" e não "minhas costas" (o que ampliaria consideravelmente o nível de jocosidade da passagem), recorram-se prudentemente a passagens como Jr 7,24 e Ez 8,16, onde as mesmas expressões de Ex 33,23, "costas" e "faces", são usadas sem qualquer laivo de pilhéria. Seja como for, o sentido da passagem parece claro: faz-se de conta que se vai colocar o pedinte anônimo a ver "a glória de Yahweh" passando, mas se trata de uma encenação enganosa: ele estará o tempo todo impedido de ver qualquer coisa e, quando a glória tiver passado, ele poderá ver o que qualquer homem pode ver: "as costas de Yahweh", mas as suas "faces", não.

Antes de se analisar a possibilidade de a resposta em B1 ser a mesma reposta de B2 e B3, convém analisar uma alternativa em tese possível. Postule-se que a função retórica de B1 seja não afirmativa, mas concessiva. Em A, a personagem anônima pede um favor xis. Respondendo ao pedido, Yahweh, primeiro (em B1), manifesta a intenção de conceder ypsilom, mas em B2 e B3 ele então assenta a declaração de que o xis pedido, esse não será concedido: "Dá-me A", é o pedido. "B eu dou (a suposta concessão de B1), mas A não" (a negação de B2 e B3). Em termos retóricos:

Tabela 4

	O rogador anônimo	Yahweh
	Pedido	Resposta
A	"Concede-me *xis*"	
B1		Ypsilon eu concedo
B2		Xis eu não concedo
B3		Xis eu não concedo

Optando-se por ter sido essa a intenção do escritor, B1 funcionaria como uma atenuante retórica. Para não dizer "não" imediatamente após o pedido, e assim aparentar rudez, suavizando-o, Yahweh prepara o "não" com a concessão de algum grau de atendimento (B1 – "isso assim assim eu concedo"). Amainada a atmosfera psicológica do diálogo por meio da concessão apresentada, a divindade, então, responde, agora, diretamente ao pedido: "as minhas faces não verás". O resultado seria a tentativa elegante e cortês de dizer "não".

Há pelo menos um problema com essa possibilidade de interpretação da função retórica de B1. Ora, se por parte da divindade há a intenção de ser elegante e cortês, como explicar que, em B2, a resposta seja evidentemente áspera ("você não pode ver a minha glória, porque você é um homem como qualquer outro"), e, em B3, a resposta seja nitidamente zombeteira ("ponho você no buraco e tapo o buraco com minha mão; então, a minha glória passa; depois que minha glória tiver passado, você, então, olha as minhas costas – mas as minhas faces você não vai ver")? Por que haveria tanta preocupação com cortesia e gentileza em B1, se em B2 e B3 esquece-se a cortesia e a gentileza e, além de dizer "não", zomba-se do pedido

e arrosta-se ao pedinte a sua condição de homem como qualquer outro? Não parece fazer sentido. Descarte-se, pois, uma possível resposta "sim", concessiva, em B1.

Resta, portanto, analisar a possibilidade de a resposta de B1 ser, então, a mesma resposta de B2 e B3 – "não". Para tanto, deve-se recordar uma regra sintática do hebraico bíblico. Quando a ordem das palavras em um texto bíblico hebraico altera-se em relação ao "padrão" (verbo, sujeito e complementos), "tenciona-se enfatizar a parte da oração colocada no início" (KELLEY, 2000, p. 118), ou dar "ênfase no elemento que é colocado em primeiro lugar" (LAMBDIN, 2003, p. 71), ou "ressaltar" o ou os elementos antepostos ao verbo (BUDDE e HOLLENBERG, 1996, p. 178). Chega-se a dizer que, quando se deseja dar ênfase a qualquer palavra, basta antecipá-la ao verbo (YATES, 1978, p. 65).

À luz da regra sintática, observe-se a estrutura da resposta de Yahweh em B1:

Tabela 5

אֲנִי אַעֲבִיר כָּל־טוּבִי עַל־פָּנֶיךָ
Eu (é que) farei passar toda a minha bondade diante de ti

A ordem sintática está alterada em relação ao "padrão". A resposta de Yahweh se dá por meio da antecipação do sujeito "eu" ao verbo. Nos termos da lição gramatical imediatamente acima recordada, há intenção de enfatizar-se o sujeito. Há ênfase. Mas há mais a dizer sobre isso: nesse tipo de oração, dita verbal, o sujeito pode ser pressuposto pela pessoa verbal, sendo desnecessário e imódico o uso do pronome pessoal. Por si mesma, a forma verbal אַעֲבִיר já significa "eu farei passar". Não há necessidade de acrescentar-se o pronome pessoal (אֲנִי). Todavia, o texto não apenas explicita o desnecessário sujeito – "eu" – como, ainda mais, o antecipa ao verbo. A fenomenologia sintática impõe uma conclusão: a explicitação do pronome pessoal "eu", pronome desnecessário em razão de se tratar de oração verbal, com pessoa verbal indicada pelo verbo, bem como a sua antecipação ao verbo, implica em intenção de enfatizar o pronome pessoal reto. O "eu" de Yahweh é um "eu" enfático. Não é um "Eu" – é um "Eu!". É um "Eu (é que)! Trata-se, nesse

caso, de um "eu" enfático, com reserva de prerrogativas – "eu (é que), e não você!". Retoricamente, uma senhora negação.

Há, portanto, duplo recurso à ênfase – altera-se a posição sintática dos termos da oração, antecipando-se o sujeito ao verbo, e, ainda mais importante, explicita-se o pronome pessoal reto "eu", desnecessário, para que não caibam dúvidas quanto à operação. Não se trata, pois, de um simples "eu", mas de um "eu (é que)". Se o raciocínio estiver correto e se opera sobre bases procedentes, resulta muito curiosa a leitura da tradução dessa resposta de Yahweh nas versões mais relevantes em circulação. Um quadro não exaustivo pode falar por si.

Tabela 6

Peregrino	"Eu farei passar diante de ti toda a minha riqueza"
Almeida	"Eu farei passar toda a minha bondade diante de ti"
Sefer	"Eu farei passar todo o Meu bem diante de ti"
Vozes	"Farei passar diante de ti toda a minha bondade"
CNBB	"Farei passar diante de ti toda a minha bondade"
Jerusalém	"Farei passar diante de ti toda a minha beleza"
Brasileira	"Farei passar toda a minha bondade diante de ti"
Século 21	"Farei passar toda a minha bondade diante de ti"
Pastoral	"Farei passar diante de você toda a minha beleza"
Ave Maria	"Vou fazer passar diante de ti todo o meu esplendor"
NVI	"Diante de você farei passar toda a minha bondade"

Nenhuma ênfase. Dentre as versões analisadas, apenas três versões ao menos mantêm o pronome pessoal reto "eu" explícito, sem que, todavia, isso implique em ênfase. As demais, simplesmente fazem constar da tradução o verbo, ocultando o sujeito. Se a lição de sintaxe hebraico recordada deve ser levada a sério, as versões analisadas precisam de urgente revisão.

Sendo, todavia, o caso de tomar-se a sintaxe do v. 19 como evidência de ênfase, quais as implicações para a retórica da seção B1? Bem, na forma de um diálogo imaginário, considere-se a seguinte analogia. "Pai, posso pegar a bicicleta?", pergunta o filho, ao que o pai responde: "Eu é que vou passear na orla". À primeira vista, a resposta parece não ter nenhuma relação com a pergunta. Ocorre, no entanto, que a resposta não se dá no nível explícito da pergunta. A

resposta interpreta a intenção da pergunta e responde àquela intenção. Desenvolvendo-se o diálogo, resultaria assim: "Pai, posso pegar a bicicleta, para ir passear na orla?", pergunta o filho. E o pai responde: "Eu é que vou passear na orla". Ainda que na primeira versão, a intenção da pergunta não estivesse explícita, a resposta a ela dada deixa claro que quem a responde está informado sobre a intenção que a move, e, em lugar de constituir-se com os termos presentes no nível explícito da pergunta, constrói-se com os termos implícitos, que, no caso, é a intenção do filho ao pedir a bicicleta emprestada.

Aplicando a analogia ao diálogo constante dos v. 18 e 19, tem-se, de um lado, a pergunta, formulada em termos explícitos: "mostra-me, por favor, a tua glória". A resposta não se dará no nível explícito do pedido, mas no nível implícito de sua intenção, o que se verá mais à frente. Da mesma forma, contudo, que na analogia empregada, a resposta é "não". Esse "não", todavia, é construído estilisticamente pelo recurso à ênfase no pronome pessoal reto "eu". "Mostra-me (...) a tua glória" – é o pedido. "Eu é que farei passar toda a minha bondade diante de você" – é a resposta. A resposta equivale a: "Não, tu não verás a minha glória. Antes, eu é que farei passar minha bondade diante de ti etc".

Considerando-se, portanto, as evidências textuais, e por esse meio de raciocínio, deve-se assumir que a estrutura retórica de Ex 33,18-23 é:

Tabela 7

	O rogador anônimo	Yahweh
	Pedido	Resposta
A	"Mostra-me a tua glória"	
B1		"Não!"
B2		"Não!"
B3		"Não!"

3 A retórica de Ex 33,19

Assume-se, então, que a resposta de Yahweh já em B1 é "não". Yahweh não vai permitir que o homem que roga ver as suas faces as veja. Já se viu que isso fora dado como impossível, porque esse que roga é um homem como qualquer outro e, dado que nenhum homem pode ver "as faces de Yahweh", segue-se que igualmente ele não o pode. E se viu também que Yahweh chega a zombar do pedido: aquele que pede para ver as suas faces pode ver as suas costas, mas as suas faces, não. O triplo "não" (seções B1, B2 e B3) aprofunda mutuamente uns a retórica dos outros, de sorte que B2 aparece mesmo como um "ponha-se no seu lugar", e B3 como um "onde já se viu?". Aprofundadas em sua dimensão retórica, B2 e B3, por sua vez, reforçam a negação de B1. Não se trata de um mero "eu é que", isto é, "eu é que farei, e não você". Retoricamente, a negação de B1 soa como um "alto lá!".

A força dessa negação com reserva de prerrogativa ("eu é que, e não você") tem de estar vinculada à intenção do pedido, já que não se depreende nada de necessariamente negativo no pedido em si. "Mostra-me, por favor, a tua glória" pode parecer um pedido tão inocente ou, no mínimo, tão neutro, que, a despeito dos dois nãos de Yahweh, as versões traduzem o não de B1 como um sim. Quem lê as versões analisadas, imediatamente tenderá a considerar que Yahweh responde favoravelmente ao pedinte. Os comentários citados acima agem da mesma forma. E, todavia, não parece ser o caso. É preciso, pois, recuperar a intenção do pedido, porque, segundo o raciocínio que se está a desenvolver, a resposta de B1 se dá no nível da intenção do pedido do v. 18.

Para recuperar a intenção do pedido e, então, empregar essa intenção como a chave para se entender a razão pela qual Yahweh responde a tão aparentemente inocente ou neutro pedido com um triplo não, não há outro caminho que não depreendê-la da própria resposta. Assim como, na analogia acima empregada como ilustração, o pai entendeu que o filho queria pegar a bicicleta para ir passear na orla, e o pai, então, ciente dessa intenção, responde que não, porque é ele, o pai, e

não ele, o filho, que vai passear na orla, da mesma forma, resposta de Yahweh é a que é, porque Yahweh não abre mão da prerrogativa de fazer o que está dito que é ele que vai fazer, isto é, é Yahweh, e não ele, o que pede, de sorte que é preciso inferir que a personagem que pede para ver a glória de Yahweh pede o que pede, porque entende que, se vir a glória de Yahweh, terá certas prerrogativas que só quem vê "a glória de Yahweh" tem[3]. Ou seja, ver "a glória de Yahweh" é o caminho por meio do qual a personagem anônimo pretende ter acesso a determinadas prerrogativas que, na narrativa, lhe são, todavia, interditadas, porque, ciente da intenção de ter acesso a tais prerrogativas, Yahweh olha para o pedinte que as postula e lhe responde, categoricamente: "Alto lá, rapaz! Eu é que, e não você... Quem você acha que é? Onde já se viu?", o que, esquematicamente, resulta no seguinte:

Tabela 8

	O rogador anônimo	Yahweh	
	Pedido		Resposta
A	"Mostra-me a tua glória, para que eu possa (...)"		
B1		"Não!"	"Alto lá, rapaz, eu é que, e não tu (...)"
B2		"Não!"	"Quem você pensa que é?"
B3		"Não!"	"Onde já se viu?"

4 As três reservas de prerrogativa de Ex 33,19

Se for correto considerar que a resposta de Yahweh no v. 19 vincula-se não à formalidade do pedido, mas à sua intenção oculta, é forçoso reconhecer que, sob a aparente inocência ou neutralidade do pedido ("mostra-me [...] a tua glória") paira uma intenção que, ao ser captada por Yahweh, produz nele pronta indignação. Essa indignação é, portanto, a responsável pelo triplo "não" e, mais do que isso, pelo exasperado "não" de B1, o indignado "não" de B2 e pelo sarcástico "não" de B3.

[3] Cf., por exemplo, os argumentos de Hauge sobre a Visio Dei de Ex 19-40 (HAUGE, 2001, p. 40).

Urge, todavia, precisar que o v. 19 não contém apenas uma resposta: são três.

Tabela 9

אֲנִי אַעֲבִיר כָּל־טוּבִי עַל־פָּנֶיךָ	19ab“Eu (é que) farei passar toda a minha bondade diante de ti,
וְקָרָאתִי בְשֵׁם יְהוָה לְפָנֶיךָ	19ace proclamarei o nome de Yahweh adiante de ti,
וְחַנֹּתִי אֶת־אֲשֶׁר אָחֹן וְרִחַמְתִּי אֶת־אֲשֶׁר אֲרַחֵם:	19bae terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, 19bbe terei compaixão de quem eu tiver compaixão”.

São três desdobramentos no v. 19, porque há três reservas de prerrogativas em jogo. O pronome pessoal reto “eu”, anteposto ao verbo em no primeiro desdobramento, deve reger todos os três desdobramentos da resposta de B1. De sorte que a estrutura retórica da seção B1 pode ser representada assim:

Tabela 10

	אֲנִי		
אַעֲבִיר כָּל־טוּבִי עַל־פָּנֶיךָ		“Eu é que”	I. farei passar toda a minha bondade diante de ti,
וְקָרָאתִי בְשֵׁם יְהוָה לְפָנֶיךָ			II. proclamarei o nome de Yahweh adiante de ti,
וְחַנֹּתִי אֶת־אֲשֶׁר אָחֹן וְרִחַמְתִּי אֶת־אֲשֶׁר אֲרַחֵם:			III. terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, terei compaixão de quem eu tiver compaixão”.
	(E não você)		

No conjunto, toda a seção constitui-se sob a regência do “eu” enfático, com efeitos retóricos negativos e reserva de prerrogativa. Nesse sentido, o efeito retórico de cada desdobramento da resposta é, caso a caso: 1. “Eu é que farei passar toda a minha bondade diante de ti, e não você”; 2. “Eu é que proclamarei o nome de Yahweh adiante de ti, e não você”; e 3. “Eu é que terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e não você”.

Cada resposta, portanto, interdita ao pedinte uma das três prerrogativas que ele tem em mente adquirir ao ver “a glória de Yahweh”. A primeira tem de ter relação com o ato de Yahweh fazer passar a sua bondade diante do próprio pedinte. Conclusão óbvia, caso contrário, a resposta perde total relação com o pedido. Nesse caso, Yahweh diz que é ele mesmo, e não quem lhe pede o que pede, que vai fazer passar toda a sua bondade “diante de”. Forçosamente, tem-se de admitir que o

homem anônimo pede para ver "a glória de Yahweh" para poder, assim, "fazer passar a bondade de Yahweh "diante de". Fica clara a relação: aquele que chegar a ver "a glória de Yahweh", passa a poder dispensar toda a bondade de Yahweh, torna-se o dispensador, o distribuidor, o administrador da bondade de Yahweh. Quem quer que esteja escrevendo o texto não gosta dessa ideia. Naturalmente que em tudo isso de Yahweh responder é nada mais nada menos do que um escritor específico fazendo-se passar por Yahweh – a questão é tão óbvia que prescinde de argumentações. Nesse caso, deve-se inferir que a um escritor determinado, de um lugar determinado, de um tempo determinado parece um absurdo que alguém pretenda apresentar-se como pretendente a administrador das bondades de Yahweh. Diante dessa discordância político-teológica, isto é, diante de alguém pretendendo ver "a glória de Yahweh" para, por meio disso, administrar a bondade de Yahweh, o escritor responde de duas formas, uma das quais válidas para as três respostas e outra, específica para a questão em tela.

Quanto à intenção oculta de tornar-se aquele que viu "a glória de Yahweh" o administrador da bondade de Yahweh, o texto, primeiro, interdita o pedido: "não!", é a resposta. Viu-se que esse "não" se dá por força sintática, mediante a antecipação do sujeito ao verbo, com efeitos retóricos de negação e reserva de prerrogativa: "não, você não vai ver a minha glória, porque sou eu, e não você, quem há de fazer passar toda minha bondade diante de". Além disso, esse desdobramento da resposta aprofunda a questão: o próprio Yahweh vai fazer passar ele mesmo toda a sua bondade diante dele, isto é, do próprio sujeito que pede para ver a "glória de Yahweh" para, com isso, poder fazer passar, ele mesmo, a bondade de Yahweh diante das pessoas. Isso quer dizer que, se o sujeito que pede para ver "glória de Yahweh" para, por isso, poder administrar a bondade de Yahweh, ele mesmo precisa que Yahweh passe a sua bondade diante dele, que sentido faz esse sujeito, que precisa da bondade de Yahweh, pretender tornar-se administrador da bondade de Yahweh? Está-se aí diante de uma crítica político-teológica. Recusa-se aceitar a prerrogativa de quem, em praça pública, por meio do argumento de que tem acesso à "glória de Yahweh", pretenda apresentar-se como administrador da bondade

divina, e recusa-se tanto pelo argumento de que ninguém pode tirar de Yahweh a prerrogativa de ele mesmo, diretamente, dispensar a sua bondade, quanto pelo argumento de que aqueles que pretendem tornarem-se administradores da bondade de Yahweh são, eles mesmos, carentes dela, o que faz deles, desde já, homens como quaisquer outros...

Quanto ao segundo desdobramento da resposta da seção B1, trata-se não mais de dispensar a bondade de Yahweh, mas de "proclamar *adiante de* o nome de Yahweh". Com graves prejuízos hermenêuticos, em seu conjunto, as versões negligenciam a diferença entre a preposição presente no primeiro desdobramento da resposta do v. 19 e a preposición presente no segundo desdobramento dessa mesma resposta. No primeiro desdobramento da resposta, a preposição é עַל־פָּנֶיךָ, e no segundo desdobramento, a preposição é לִפְנֵיךָ. A fenomenologia das versões revela que, quando não tratam as duas preposições como sinônimas, desconsideram uma ou outra. Curiosamente, e sem exceções, as versões analisadas traduzem a preposição do segundo desdobramento da resposta ou como "diante de ti", ou como "na tua presença". Em alguns casos, suprimiu-se mesmo a preposição. O fato de a preposição ter sido traduzida como foi, ou sequer ser traduzida, implica no efeito retórico de repetir-se o efeito sintático da resposta anterior. Seja o que for que Yahweh diz que fará, fará "diante de ti", seja no primeiro caso (fazer passar toda a sua bondade), seja no segundo caso (proclamar o nome de Yahweh). Ao preço de alguma redundância gráfica, convém perfilar os dois versos, segundo as versões os traduzem:

Tabela 11

Peregrino	"Eu farei passar *diante de ti* toda a minha riqueza, e proclamarei *diante de ti* o nome 'Senhor'"
Jerusalém	"Farei passar *diante de ti* toda a minha beleza, e *diante de ti* pronunciarei o nome de Yahweh"
NVI	"*Diante de você* farei passar toda a minha bondade, e *diante de você* proclamarei o meu nome: o SENHOR"
Ave Maria	"Vou fazer passar *diante de ti* todo o meu esplendor, e pronunciarei *diante de ti* o nome de JAVÉ"
Sefer	"Eu farei passar todo o Meu bem *diante de ti*, e chamarei em Nome do Eterno *diante de ti*"
Pastoral	"Farei passar *diante de você* toda a minha beleza, e pronunciarei *diante de você* o meu nome: Javé"
Vozes	"Farei passar *diante de ti* toda a minha bondade, e proclamarei meu nome, 'Senhor', *na tua presença*"
CNBB	"Farei passar *diante de ti* toda a minha bondade, e proclamarei o meu nome, 'Senhor', *na tua presença*"
Almeida	"Eu farei passar toda a minha bondade *diante de ti*, e *te* proclamarei o meu nome Jeová"
Brasileira	"Farei passar toda a minha bondade *diante de ti*, e *te* proclamarei o nome de Jeová"
Século 21	"Farei passar toda a minha bondade *diante de ti*, e *te* proclamarei o meu nome, o SENHOR"

A julgar pelas versões, tanto no primeiro quanto no segundo desdobramentos resposta, a ação de Yahweh se dá "diante de" – nesse caso, diante do pedinte. Para as versões, não há diferença de sentido entre as duas preposições, é o que se é obrigado a concluir com base na tradução do v. 19. Para as versões, no v. 19, tanto עַל־פָּנֶיךָ quanto לְפָנֶיךָ devem significar "diante de". Todavia, a preposição לְפָנֶיךָ ocorre no mesmo capítulo 33, no v. 2, e, lá, com uma ou outra exceção, essas mesmas versões a traduzem como "adiante de". Ora, o fenômeno é no mínimo curioso. No v. 2, a preposição לְפָנֶיךָ é traduzida como "adiante de" e, no v. 19, a mesma preposição é traduzida "diante de", sendo que, no mesmo v. 19, ocorre outra preposição (עַל־פָּנֶיךָ), igualmente traduzida como "diante de". Observe-se esquematicamente como se comporta a tradução das preposições nos v. 2 e 19, segundo o conjunto das versões analisadas:

Tabela 12

Êxodo			
	33,2a	33,19aa	33,19ab
	לְפָנֶיךָ	עַל־פָּנָיִךְ	לְפָנֶיךָ
Jerusalém	"adiante de ti"	"diante de ti"	"diante de ti"
Ave Maria	"adiante de"	"diante de ti"	"diante de"
Almeida	"adiante de ti"	"diante de ti"	"te"
Brasileira	"adiante de ti"	"diante de ti"	"te"
Peregrino	"na frente"	"diante de ti"	"diante de di"
Vozes	"na tua frente"	"diante de ti"	"na tua presença"
CNBB	"à tua frente"	"diante de ti"	"na tua presença"
NVI	"à sua frente"	"diante de você"	"diante de você"
Século 21	"à tua frente"	"diante de ti"	"te"
Pastoral	"na frente de você"	"diante de você"	"diante de você"
Sefer	"diante de ti"	"diante de ti"	"diante de ti"

Não se trata de desinformação do tradutor, já que no v. 2 a preposição לְפָנֶיךָ é traduzida como "adiante de ti". É mais provável que, no v. 19, o fenômeno da tradução da preposição לְפָנֶיךָ por "diante de ti" e não "adiante de ti" se deva à interpretação que o tradutor aplica ao v. 19ab.

Para além, portanto, da questão gramatical, a questão deve ser resolvida pela interpretação da resposta contida no v. 19ab. A opção pelo sentido "adiante de ti" deve-se ao fato de que, diferentemente do caso do primeiro desdobramento da resposta ("farei passar toda a minha bondade diante de ti"), na qual a ação de Yahweh se dá "diante" do requerente, no segundo desdobramento da resposta, a ação de Yahweh não se dará "diante" dele, mas "adiante" dele. No caso de fazer passar toda a sua bondade, Yahweh a fará passar "na frente" dele, "diante" dele, como quem o incensa, por assim dizer, como quem dá um passe, como quem abençoa. Já no segundo desdobramento da resposta, não: Yahweh na frente dele, mas à frente dele, e, lá na frente, é ele, e não o requerente, que vai proclamando "o nome de Yahweh". Quanto a essa questão, a opinião de Dozeman vai de encontro ao que aqui se postula, porque, nos seus termos, Yahweh clamará o seu nome "before your face" (DOZEMAN, 2009, p. 730), mas Dozeman não parece preocupado com a evidência relacionada às preposições לְפָנֶיךָ e עַל־פָּנָיִךְ discutida acima. A percepção que se tem é que Dozeman está às voltas com o problema de

harmonizar a passagem com a interpretação de que ela se refira a Moisés...

O que leva a discussão a outro problema das versões. Com uma ou outra exceção, o construto da fórmula וְקָרָאתִי בְשֵׁם יְהוָה é desmontado, e o que seria "invocar (ou proclamar) o nome de Yahweh" (SCHÖKEL, 1997, p. 588), transforma-se, nas versões, em "proclamar *meu* nome, Yahweh", aparecendo na tradução um possessivo inexistente no texto. Com isso, além de um problema com a tradução da preposição לְפָנֶיךָ, parece haver também um problema com a tradução de וְקָרָאתִי בְשֵׁם יְהוָה. Pois bem: segundo Alonso-Schökel, a fórmula significa "invocar ao Senhor", sendo citadas ocorrências desse sentido em Is 12,4, Jl 3,5, Zc 13,9 e Sl 80,19, por exemplo. Uma fórmula litúrgico-ritualística bastante trivial, não fosse o detalhe: nos três desdobramentos da resposta do v. 19, Yahweh está advertindo ao pedinte que é ele, Yahweh, e não ele, o pedinte, que tem a prerrogativa de fazer o que ele, pedinte, intenta fazer depois e em razão de ver "a glória de Yahweh", de sorte que o efeito retórico da cena é bastante instigante. O pedinte quer ver "a glória de Yahweh" para poder ter a prerrogativa de ir adiante das pessoas, invocando o nome de Yahweh – são prerrogativas sacerdotais, bem se vê. O texto, então, discordando da prerrogativa que se arvora o pedinte, assenta o fato político-teológico de que quem vai à frente, adiante, invocando "o nome de Yahweh" é o próprio Yahweh. Nega-se ao pedinte a prerrogativa de ser "o" invocador de Yahweh. Quem vai à frente é o próprio Yahweh. Atrás de Yahweh, que vai à frente, vai o povo. E, nesse sentido, o pedinte é posto no mesmo nível em que o povo está[4].

Esta observação vincula-se diretamente à seção B2 e à seção B3. Na seção B2, o pedinte ouvirá que ele é um homem como qualquer outro. Na seção B3, ele ouvirá que, se quiser, veja as costas de Yahweh, mas não verá as suas faces. No segundo desdobramento da resposta da seção B1, as declarações de B2 e B3 estão igualmente presentes. Primeiro, o pedinte pretende ir à frente de todos, invocando "o nome de Yahweh", porque arvora para si uma posição que, segundo o texto,

[4] Em termos bibliográficos, recomenda-se seguir a "pista" sugerida por Keinänen quanto a, em Ex 33,18-23, constatar-se ênfase na relação íntima entre Yahweh e o povo (KEINÄNEN, 2001, p. 150, nota 31).

Yahweh não lhe dará. Ele acha que tem o direito de ir à frente, mas Yahweh lhe faz ver que não, quem vai à frente é ele mesmo, Yahweh. Se quem vai à frente é Yahweh, ele vai, então, atrás de Yahweh, junto com todos os demais, de sorte que ele deve entender – exatamente como em B2 – que é um homem como outro qualquer. E mais: assim como em B3 o pedinte acaba atrás de Yahweh, vendo as costas de Yahweh, mas não as suas faces, no segundo desdobramento da resposta de B1 ele igualmente é colocado atrás de Yahweh, que é quem vai à frente, invocando "o nome de Yahweh".

"Invocar o nome de Yahweh" constitui referência ao rito e à liturgia. Trata-se de uma questão político-teológica. Assim como pretendia para si a prerrogativa de dispensar a bondade de Yahweh, o pedinte pretendia ainda assumir a prerrogativa de operar os ritos de invocação de Yahweh. Quem escreve o texto não gosta nem um pouco dessa pretensão, de sorte que, funcionando como função retórica do autor da perícope, Yahweh se posta peremptoriamente contra as duas pretensões do pedinte: não, ele não vai dispensar as bondades de Yahweh, e não, ele não vai à frente de ninguém, invocando "o nome de Yahweh". Quem vai fazer as duas coisas é o próprio Yahweh.

O que igualmente vale para o terceiro desdobramento da resposta que o v. 19 dá ao v. 18, e que a essa altura deve parece claro, deve ter por objetivo interditar a terceira pretensão contida no aparentemente inocente pedido do requerente. É preciso observar que o terceiro desdobramento da resposta assume um sentido e um caráter, se, como se cogitou, a seção B1 for lida como um sim concessivo ao pedido da parte A de Ex 3,18-23, mas assume outro sentido e caráter, completamente opostos àqueles, se a seção for lida como o primeiro "não" de uma série de três negativas àquele pedido.

No terceiro desdobramento, portanto, da resposta do v. 19, Yahweh diz que é ele – isto é, ele, e não o pedinte! – que terá misericórdia de quem ele, Yahweh, quiser ter misericórdia. Yahweh diz que é ele, Yahweh, quem decide ter compaixão

de quem ele, Yahweh, quiser ter compaixão. Yahweh está dizendo que é ele quem tem a prerrogativa de decidir – por si mesmo – a quem ele destinará a sua compaixão e a sua misericórdia. Não se trata de Yahweh dizer que se ele não quiser ter misericórdia de alguém, ele não terá. Trata-se do inverso.

A essa conclusão se pode chegar pelo contexto retórico da seção B1, conforme se vem de discutir. Os três desdobramentos da resposta da seção B1 dirigem-se, viu-se, não à formulação de superfície do pedido, mas à sua intenção "oculta" – que, na verdade, se explicita na eficientemente bem elaborada dimensão retórica da narrativa. O pedinte tem em vista três prerrogativas: a) ele pretende ser o dispensador de toda a bondade de Yahweh, b) ele pretende ser o liturgo oficial e exclusivo das invocações do "nome de Yahweh", e c) ele pretende ser o agente responsável por determinar quem tem e quem não tem o direito de receber a compaixão e a misericórdia de Yahweh.

Vê-se já que o pedido encerra um projeto de restrição da misericórdia e da compaixão de Yahweh. A intenção do pedinte é decidir, ele, quem tem direito à misericórdia de Yahweh – e quem não tem! Quem não tem é justamente a questão: trata-se de procedimento programático de exclusão de pessoas, de interdição de subjetividades. Por exemplo: mulheres, estrangeiros, eunucos... Esse preciso projeto de exclusão de pessoas contraria frontalmente a ou as pessoas por trás da redação de Ex 33,18-23. Nesse sentido, apropriando-se de Yahweh e levando-o a negar ao pretendente as prerrogativas subentendidas no seu em nada inocente pedido, os três desdobramentos da resposta do v. 19 expressam toda a contrariedade que o projeto sacerdotal provoca em pelo menos alguns daqueles que suas prerrogativas pretendem aliciar.

Como resultado retórico, Yahweh é posto a interditar a pretensão do postulante do v. 18. "Não, não é você que vai decidir de quem eu terei misericórdia. Eu terei misericórdia de quem eu – e não você – decidir ter". Se Yahweh quer ter misericórdia de alguém, é Yahweh que vai decidir, prerrogativa da qual Yahweh

não pretende abrir mão.

É curioso o efeito da tensão que a ambiguidade retórica da declaração de Yahweh provoca em Pablo Andiñach. Como os comentaristas acima citados, Andiñach assume (por sua conta, porque a narrativa em si não o declara), tratar-se de "Moisés" a fazer o pedido do v. 18. A despeito de, na tradição lida por Andiñach, Yahweh e Moisés chegarem a ter uma relação de extrema intimidade e cumplicidade, Andiñach percebe a tensão potencialmente restritiva da fórmula "terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia", e, então, considera que se trata de "atributos de Deus, que ele não está disposto a delegar a ninguém", de sorte que "Deus dará seu respaldo a Moisés (sic), mas colocará as restrições que julgar necessárias" (ANDIÑACH, 2010, p. 373). Aqui, todavia, não se postula que o texto trate de "Moisés", mas que a declaração represente, sim, a prerrogativa de Yahweh de reservar a si e só para si o exercício de sua misericórdia, mas isso contra a pretensão pressuposta no pedido de arvorar-se "aquele que vê as faces de Yahweh" em agente normativo no exercício de projetos de exclusão político-social. Ninguém vai dizer a Yahweh de quem ele pode ter compaixão – ele terá misericórdia de todos aqueles de quem ele quiser ter misericórdia. Não é excludente a chave de leitura: é inclusiva.

5 Estratégia e retórica em Ex 33,18-23

O pedido do v. 18 parece estar grávido de prerrogativas muito específicas. Quer-se ver "a glória de Yahweh" com a intenção de, por meio dessa "justificativa teológica" (a rigor, político-social), assumirem-se três prerrogativas: a) tornar-se o dispensador da bondade de Yahweh, b) tornar-se o oficiante autorizado dos ritos de invocação de Yahweh e c) tornar-se o legislador do Direito Divino, encarregando-se de estabelecer as fronteiras entre aqueles que podem ter acesso às misericórdias de Yahweh e aqueles que, desde já, encontram-se alijados dela.

Lido por meio de suas intenções político-teológicas ocultas/implícitas, por trás do v. 18 desenha-se o projeto sacerdotal. O sujeito anônimo do v. 18 representa o sumo sacerdote de Jerusalém. Projeto sacerdotal e sumo sacerdote, todavia, ocupam apenas o v. 18, ao passo que as críticas que se lhes dirigem desdobram-se do v. 19 ao v. 23. Não se trata de um texto sacerdotal. Trata-se de um texto de crítica às prerrogativas sacerdotais, de forma que não se pode imaginar ter sido escrito justamente por um sacerdote. A intenção é desnudar as intenções sacerdotais em um texto crítico, mas, sobretudo, jocoso.

Mantido anônimo, e denunciado apenas por meio das prerrogativas que a narrativa nega ao personagem, o sacerdote é posto no v. 18, e a voz que lhe é concedida se expressa no nível do argumento político-teológico que, também no horizonte histórico por trás da narrativa, ele usa para legitimar a posição que postula: "Mostra-me, por favor, a tua glória". Uma vez que a seção B3 encerra a perícope em tom jocoso, talvez o v. 18 tenha sido escrito tendo em vista desempenho oral em registro jocoso – o que se perde na leitura silenciosa moderna. Essa hipótese se reforça pela presença do "eu" enfático, de efeito retórico de negação e reserva de prerrogativa, empregado imediatamente após o pedido: "Mostra-me [...] a tua glória! [...] Eu é que...". Talvez se deva imaginar o texto sendo escrito para ser lido em torno de camponeses contrariados com os movimentos político-religiosos da comunidade sacerdotal, então recém-chegada da Babilônica, de sorte que se pode imaginar a "performance" de leitura já denunciando tratar-se, quanto ao anônimo" "daquela" *persona non grata*.... Lido o pedido com algum grau de jocosidade, resulta revelada a identidade do presunçoso postulante...

No conjunto, a narrativa nega todas as prerrogativas sacerdotais, tanto quanto nega a validade do argumento retórico que sustenta o postulado da prerrogativa. O sacerdote alega ter direito às prerrogativas que postula porque alega ter visto "a glória de Yahweh", feito excepcional, posto que, a julgar pela tradição que sustenta o argumento de Ex 33,20, ninguém pode ver as faces de

Yahweh e continuar vivo...

Talvez se possa considerar que Ex 33,18-23 esteja concentrando na personagem anônima que faz o pedido toda a fenomenologia presente nas narrativas em que Moisés sobe e desce da "montanha sagrada". Em Ex 19, Yahweh aparece na montanha e chama Moisés para subir até ele. Observe-se que o povo ensaia subir junto com Moisés, mas Yahweh adverte ao povo que ninguém pode subir, só Moisés. É advertido que se o povo sobe, Yahweh os feriria, de sorte que o povo não sobe – vai Moisés sozinho. Em Ex 34,29-35, Moisés desce da "montanha sagrada", depois de ter passado 40 dias e 40 noites com Yahweh, sempre sozinho. Seu rosto brilha! As pessoas têm medo de se aproximar, de tal sorte que Moisés precisa pôr um véu sobre o rosto, se deseja falar com o povo... Ao contrário de Ex 33,18-23, essas são, naturalmente, narrativas sacerdotais...

Ex 19 e Ex 34,29-35 funcionam como uma espécie de moldura, grosso modo falando, dentro da qual se instalam legislações sacerdotais, prerrogativas sacerdotais, ritos sacerdotais, interdições sacerdotais. Nos termos e no contexto dessas narrativas sacerdotais, o povo aceita piedosamente que "Moisés" possa subir sozinho até Yahweh, enquanto ele, povo, não. Nos termos e no contexto dessas narrativas sacerdotais, o povo vê-se tomado de profundo temor e reverência diante do "Moisés" que viu "a glória de Yahweh"... Naturalmente que, sendo sacerdotais essas narrativas, o povo ali age nos termos de interesse do projeto sacerdotal. Ex 33,18-23, todavia, não é um texto sacerdotal. Pelo contrário: é um texto crítico aos postulados sacerdotais, de sorte que ali o povo não se submete nem parece muito entusiasmado com o projeto sacerdotal. E, se se leu adequadamente a passagem, sequer a história de alguém com um rosto resplandecente a descer da presença de Yahweh convenceu, quem sabe?, a primeira geração a quem aquelas histórias sacerdotais foram dirigidas...

Conclusão

Em retrospectiva, a análise retórica e histórico-social de Ex 33,18-23 sugere que a narrativa se poste contra a plataforma político-religiosa do sacerdócio pós-exílico. A perícope é redigida por representantes da população que se põem em resistência ao projeto do templo de Jerusalém. No v. 18, o sumosacerdote é representado pelo sujeito anônimo que pede para ver a glória de Yahweh. Nos v. 19-23, a tripla resposta negativa de Yahweh representa a contundente resistência do grupo responsável pela narrativa em aceitar passivamente a nova ordem político-religiosa. Mais do que apenas arrostar ao sacerdote as três incisivas negações, a perícope denuncia as intenções político-teológicas do projeto em curso: monopólio do sagrado, hierocracia e puritanismo, a que responde com a declaração de que o sumosacerdote é um homem como outro qualquer, cujas pretensões de superioridade teológica só podem levar ao sarcasmo, bem como com as declarações de que acima do povo, só Yahweh, e não os sacerdotes, que, além do mais, não têm o direito de determinar de quem Yahweh tenha misericórdia ou não. Se for possível o anacronismo milenar, retoricamente, está-se diante de um texto "protestante", com a diferença, talvez, de que o contingente crítico responsável pela narrativa não parece ter constituído outra comunidade, salvo aquela que, submetida ao poder sacerdotal, que enfrenta, zomba dele, porque mais não pode fazer. Que falta fazem os príncipes nessa hora.

REFERÊNCIAS

ANDIÑACH, P. **O Livro do Êxodo**. Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal EST, 2010.

AUERBACH, E. A cicatriz de Ulisses. Em AUERBACH, E. **Mimesis**. A representação da realidade na literatura ocidental. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 1-20.

BOORER, S. **The promise of the land as oath**. A key to the formation of the Pentateuch. Berlin: Walter de Gruyter, 1992.

DOZEMAN, T. B. **Commentary on Exodus**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

CHOURAQUI, A. **A Bíblia**. Nomes (Êxodo). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAUGE, M. R. **The descent from the mountain**. Narrative patterns in Exodus 19-40. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.

HOLLENBERG, J. e BUDDE, K.. **Gramática elementar da língua hebraica**. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

KELLEY, Page. **Hebraico bíblico**. Uma gramática introdutória. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

KEINÄNEN, J. **Traditions in collision.** A literary and redaction-critical study on the Elijah narratives 1Kings 17-19. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2001.

LAMBDIN, T. O. **Gramática do hebraico bíblico**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Palus, 1997.

YATES, K. M. **Nociones esenciales del hebreo bíblico**. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1978.

SMITH, M. S. **The pilgrimage pattern in Exodus**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.